

Cadernos *IHU ideias*

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 23 | nº 383 | vol. 23 | 2025

A photograph of a war-torn city, likely Gaza, showing extensive rubble and destroyed buildings. In the foreground, several people are walking away from the camera on a dirt road. One person in the center is carrying a large, bulky object on their back. The background features a tall, partially destroyed stone tower and other damaged structures under a clear sky.

Considerações sobre o sionismo

Rodrigo Karmy Bolton

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 23 | nº 383 | vol. 23 | 2025

**Considerações sobre o
sionismo**

Rodrigo Karmy Bolton

Doutor em Filosofia pela Universidade do Chile



Cadernos IHU ideias é uma publicação digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XXIII – Nº 383 – V. 23 – 2025

ISSN 2448-0304 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

Conselho editorial: Bel. Gabriel dos Anjos Vilardi; MS. Guilherme Tenher Rodrigues; Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Lucas Henrique da Luz; Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.

Conselho científico: Adriano Naves de Brito (Unisinos, doutor em Filosofia); Angelica Massuquetti (Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade); Berenice Corsetti (Unisinos, doutora em Educação); Celso Cândido de Azambuja (Unisinos, doutor em Psicologia); César Sanson (UFRN, doutor em Sociologia); Gentil Corazza (UFRGS, doutor em Economia); Suzana Kilpp (Unisinos, doutora em Comunicação).

Projeto Gráfico: Ricardo de Jesus Machado

Responsável técnico: Guilherme Tenher Rodrigues

Imagem da capa: Forced displacement of Gaza Strip residents during the Gaza-Israel War. Wikimedia Commons

Revisão: Isaque Gomes Correa

Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 21.
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).
ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

Considerações sobre o sionismo

Rodrigo Karmy Bolton

Doutor em Filosofia pela Universidade do Chile

Filosofia contemporânea não consegue superar o pacto liberal-sionista do pós-Segunda Guerra Mundial, que ajudou a engendrar, o que se espelha em como analisa o genocídio em Gaza. Sionismo é “máquina” que articula não apenas Israel, mas o imperialismo ocidental.

“Israel é um sonho que alimenta estruturalmente o imperialismo britânico, europeu e americano”, diagnostica o filósofo chileno **Rodrigo Karmy Bolton** no artigo que apresentou como sua conferência, intitulada *O sionismo contemporâneo é um sionismo*, dentro da programação do **XXII Simpósio Internacional “A extrema-direita e os novos autoritarismos. Ameaças**

à democracia liberal”, na manhã de 11-11-25, através do canal do YouTube do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, que junto do PPG Filosofia Unisinos promove o evento. O texto foi originalmente publicado no site **Ficcion de la Razón**.

De acordo com **Karmy**, “a ‘nazificação’ de árabes e/ou palestinos ilustra perfeitamente como o projeto sionista na Palestina nada mais é do que uma ‘cruzada’ contra o Islã, especificamente contra o Hamas. É crucial entender que o cristianismo oferece aos judeus a máquina de guerra, e os judeus oferecem aos cristãos a mitologia da revelação original. Esses dois elementos, unidos na forma de ‘eleição’, compõem a máquina mitológica voltada para esta mais recente ‘cruzada’”. O pensador argumenta que a filosofia de nosso tempo até tentou intervir e refletir sobre o que se passa em Gaza, mas falhou: “mesmo com as melhores intenções críticas e radicais, acabou resistindo a ir além daquilo que essa mesma filosofia ajudou a forjar: o pacto liberal-sionista do pós-Segunda Guerra Mundial”. E acrescenta: “cada vez que a filosofia entra em Gaza, é Gaza que pensa sobre filosofia, e não a filosofia que pensa sobre Gaza. Isso significa que, quando a filosofia pensa sobre Gaza, não pode deixar de lado o vocabulário, a estrutura ou o léxico sionista. E pensar significa desestabilizar”.

EIS O ARTIGO.

“Albert Speer, que ocupava um cargo no departamento de construção de estradas (...) recomendou a um subordinado que lesse o famoso clássico sionista, Der Judenstaat, de Theodor Herzl, cuja leitura converteu Eichmann ao sionismo, doutrina da qual ele jamais se afastaria” (Hannah Arendt).

1. ISRAEL FOI INVENTADO ANTES DE ISRAEL

É crucial considerar o fato de que Israel dominou o imaginário do cristianismo imperial desde os textos calvinistas e evangélicos do século XVII até **Theodor Herzl**¹ no fim do século XIX. Interessa-me a ideia de que, se é verdade que, como disse **Freud**², um sonho é a realização de um desejo, então diríamos que Israel nada mais é do que isso: a realização de um desejo em que está em jogo a dominação imperial do Ocidente sobre a Terra. Israel é, portanto, o sonho do imperialismo ocidental e, precisamente por essa razão, o sionismo cristão que emergiu no século XVII constitui a condição de possibilidade para o sionismo judaico do fim do século XIX. Nesse sentido, Israel foi inventado no imaginário antes do Estado de Israel. Como tal, “Israel” foi a condensação onírica da aspiração última do imperialismo ocidental: reconduzir os judeus à sua terra natal, a fim de provocar sua conversão completa ao cristianismo e, assim, espalhar o triunfo de Cristo por toda a Terra.

1 **Theodor Herzl [(1860-1904)]**: jornalista e advogado judeu austro-húngaro, considerado o pai do sionismo político moderno. Fundou a Organização Sionista e promoveu a imigração judaica para a Palestina, em um esforço para formar um Estado judeu. É mencionado especificamente na Declaração de Independência de Israel e é oficialmente referido como “o pai espiritual do Estado Judeu”.

2 **Sigmund Freud (1856-1939)**: médico neurologista e importante psicanalista austríaco. Reconhecido como o fundador da psicanálise, tornou-se a figura mais influente da história da psicologia. A influência de Freud pode ser observada ainda em diversos outros campos do conhecimento e até mesmo na cultura popular, inclusive no uso cotidiano de palavras que se tornaram recorrentes, mas que surgiram a partir de suas teorias. Expressões como “neurose”, “repressões”, “projeções” popularizaram-se a partir de seus escritos.

A tese teológico-política do triunfo de Cristo sobre a Terra deve ser traduzida em termos geoeconômicos: é o triunfo do capital ocidental sobre todo o planeta. Assim, o sionismo cristão é o sonho que impulsiona o sionismo judaico a se realizar em uma forma político-estatal, mas, sobretudo, é a inervação onírica do imperialismo ocidental, a materialidade que monta sua máquina mitológica. Assim, durante uma famosa visita a Tel Aviv em 1986, **Joe Biden** disse a célebre frase: “Se Israel não existisse, os Estados Unidos teriam que inventá-lo”. O ponto crucial dessa declaração é que Israel é um sonho que alimenta estruturalmente o imperialismo britânico, europeu e americano.

2. O SIONISMO É UMA FORMA DE CRISTIANISMO PROTESTANTE

“Cristianismo protestante” aqui se refere a uma teologia dispensacionalista baseada no paradigma da “eleição”. **Mônica Ferrando** demonstrou como esse cristianismo opera segundo a “teoria da substituição”, na qual a antiga figura de Israel (aquela pertencente à interpretação do Antigo Testamento) é substituída pela Igreja, mas posteriormente pelo “espírito”, de acordo com a interpretação paulina adotada pelo protestantismo luterano. Nesse contexto, a antiga fórmula do “povo escolhido” sofre, com o reformismo protestante, uma massificação sobre a qual se fundará a democracia liberal e, dessa forma, o próprio sionismo judaico, que traduzirá sua antiga fórmula hebraica para a nova chave protestante. Com isso, será possível fundar um Estado tão colonial quanto os Estados protestantes, posicionando a noção de “eleição” como o mecanismo capaz

de vincular o “judaico” ao “cristão”, dando origem ao imperialismo coletivo constituído pelos Estados Unidos, Europa e Israel após a Segunda Guerra Mundial.

3. ISRAEL É UM ESTADO IMPERIAL CRISTÃO

Segundo Donald Lewis, essa ideia moldou a concepção imperial britânica na forma de uma missão histórico-salvífica de natureza pró-semita: dado que a Grã-Bretanha atua como a força espiritual “escolhida” para prover o retorno dos judeus à Palestina, o sionismo era originalmente cristão protestante. Em contraste com a Igreja Católica, que definiu o imperialismo espanhol, ou a Revolução Francesa, que definiu o imperialismo francês, o imperialismo britânico baseava-se numa interpretação filossemita, que define uma “eleição” divina da Grã-Bretanha para restaurar o império de Cristo ao planeta. Isso explica o vocabulário sionista que ouvimos do Estado de Israel: a “nazificação” de árabes e/ou palestinos ilustra perfeitamente como o projeto sionista na Palestina nada mais é do que uma “cruzada” contra o Islã, especificamente contra o Hamas. É crucial entender que o cristianismo oferece aos judeus a máquina de guerra, e os judeus oferecem aos cristãos a mitologia da revelação original. Esses dois elementos, unidos na forma de “eleição”, compõem a máquina mitológica voltada para esta mais recente “cruzada”.

4. A CRUZADA SIONISTA É A CRUZADA DO CAPITAL FÓSSIL

“A Destruição da Palestina é a Destruição da Terra”, de **Andreas Malm**³, é uma breve palestra cuja tese traça uma genealogia mais ampla da colonização da Palestina. **Malm** destaca que, quando os primeiros navios britânicos chegaram às costas da Palestina por volta de 1840, trouxeram consigo uma novidade em comparação com o arsenal militar e técnico disponível até então: os navios não funcionavam mais à vela, mas a carvão. Assim, a colonização da Palestina implicaria: primeiro, a transformação técnica do capitalismo na medida em que este pode ser sustentado pelo capital fóssil; segundo, essa transformação se baseia na Palestina e, portanto, a destruição da Palestina será a destruição da Terra na medida em que acarretará a produção global de capital fóssil. O que **Malm** deixa de mencionar é como o capital fóssil, aderindo à premissa de **Marx**⁴ de que no capitalismo “tudo o que é sólido

3 Andreas Malm (1977): jornalista e acadêmico sueco, que ocupa uma cátedra associada de ecologia humana na Universidade de Lund. É membro do conselho editorial da revista acadêmica *Historical Materialism*. Em 2014, obteve um doutorado em geografia social e econômica pela Universidade de Lund com uma tese sobre *Capital Fóssil: a ascensão da energia a vapor na indústria algodoeira britânica, c. 1825–1848, e as raízes do aquecimento global*.

4 Karl Marx (1818-1883): filósofo, economista, historiador, sociólogo, teórico político, jornalista, e revolucionário socialista alemão. Devido às suas publicações políticas, Marx tornou-se apátrida e viveu no exílio com a sua mulher e filhos em Londres durante décadas, onde continuou a desenvolver o seu pensamento em colaboração com o pensador alemão Friedrich Engels e a publicar os seus escritos, pesquisando na Sala de Leitura do Museu Britânico. Os seus títulos mais conhecidos são o panfleto *Manifesto Comunista* de 1848 e o triplo volume *O Capital* (1867–1883). O pensamento político e filosófico de Marx teve uma enorme influência na história intelectual, econômica e política subsequente. Sobre Marx, confira as seguintes edições da Revista IHU On-Line: 525, intitulada **Karl Marx, 200 anos - Entre o ambiente fabril e o mundo neural de redes e conexões**, disponível em <https://www.ihuonline.>

se desfaz no ar”, sofre uma mutação radical na busca pela abstração: primeiro o carvão, cujo elemento sela o domínio britânico; em seguida, o petróleo, que encapsula o domínio americano; e, finalmente, o gás, que abstrai o capital fóssil na era do capitalismo financeiro globalizado. Essas três fases não devem ser lidas sequencialmente, mas sim de forma conjunta, e também não devem ser vistas pela ótica da retórica marxista clássica, que se resume a: tudo gira em torno de recursos na medida em que estes constituem infraestrutura.

Gostaria de enfatizar que o capital fóssil, em suas três formas, representa modos semiológicos precisos justamente porque já é produzido como capital (o que já é um signo). Precisamente a partir do paradigma da escolha, o capital fóssil e a escatologia imperial estão intrinsecamente ligados: a terra está disponível para “nós”, os “escolhidos”, para sermos senhores da Terra que nos foi “prometida”. Esta última frase, comum aos Estados Unidos e a Israel, mostra que devemos abandonar os “tópicos” infra ou supraestruturais e focar na noção da máquina mitológica proposta por **Furio Jesi**⁵, cujo funcionamento se revela o seguinte: ela extrai recursos fósseis e os transforma em capital, sustentado

[ihuonline.unisinos.br/edicao/525](https://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/525); 381, intitulada **Os Grundrisse de Marx em debate**, disponível em <https://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/381>; 278, intitulada **A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx**, disponível em <https://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/278>.

5 Furio Jesi (1941-1980): historiador, escritor, arqueólogo e filósofo italiano, estudioso independente de mitologia, egiptologia, história das religiões mediterrâneas, filologia e arqueologia, notável por seu trabalho na expansão das ideias de Károly Kerényi, incluindo estudos sobre a ciência do mito e a diferença entre mitos clássicos e “mitos tecnificados”. Sem formação acadêmica formal, Jesi publicou uma série de estudos sobre o mundo da Grécia e do Egito antigos, incluindo temas mitológicos e cultos de mistério. Seu foco na persistência dos mitos nos tempos modernos influenciou ativistas políticos como o coletivo Wu Ming, na Itália.

por seu discurso escatológico, assim como este a impulsiona a extrair cada vez mais fósseis desta Terra que se presume “prometida” e, portanto, disponível para sua exploração (*Gestell*): a infraestrutura e a superestrutura coincidem porque são uma mesma máquina articulada com base em dois polos que são, ao mesmo tempo, distintos e articulados simultaneamente.

5. EXPLICAR A EXPLICAÇÃO

A tese de **Malm** leva a uma problematização da tese do lobby sionista, a fim de evitar a absolvição dos EUA de responsabilidade e revisitar a ideia clássica de que Israel é a ponta de lança do imperialismo americano no Oriente Médio. Esta é uma tese importante, mas contrasta com as de **Ilan Pappé**⁶ ou **John Mersheimer**⁷,

6 Ilan Pappé (1954): historiador e cientista político israelense, conhecido por seu trabalho sobre o conflito israelo-palestino e como uma figura de destaque entre os Novos Historiadores de Israel. Leciona na Faculdade de Ciências Sociais e Estudos Internacionais da Universidade de Exeter, onde dirige o Centro Europeu de Estudos Palestinos e codirige o Centro de Estudos Etnopolíticos de Exeter. A pesquisa de Pappé concentra-se na expulsão e fuga palestina de 1948, que caracteriza como uma campanha deliberada de limpeza étnica, citando o Plano Dalet como modelo. Suas obras notáveis incluem *A Limpeza Étnica da Palestina* (2006), *Uma História da Palestina Moderna: Uma Terra, Dois Povos* (2003) e *Dez Mitos sobre Israel* (2017).

7 John Joseph Mearsheimer (1947): cientista político e estudioso de relações internacionais americano. Ele é o Professor de Serviço Distinto R. Wendell Harrison na Universidade de Chicago. Mearsheimer é mais conhecido por desenvolver a teoria neorrealista (ou realista estrutural) do realismo ofensivo, que descreve a interação entre as grandes potências como sendo impulsionada principalmente pelo desejo racional de alcançar a hegemonia regional em um sistema internacional anárquico. De acordo com sua teoria, no livro de 2001, *A Tragédia da Política das Grandes Potências*, Mearsheimer afirma que o crescente poder da China provavelmente a levará a conflitos com os Estados Unidos. Em seu livro de 2007, *The Israel Lobby and US Foreign Policy* (O Lobby de Israel e a Política Externa dos EUA), argumenta que o lobby israelense exerce uma influência desproporcional sobre a política

segundo os quais a política externa dos EUA no Oriente Médio se explica pela existência do lobby sionista. Então, os EUA são passivos em relação ao lobby israelense, ou Israel é passivo em relação aos interesses dos EUA no Oriente Médio? Creio que esta é uma discussão importante. Minha posição propõe um meio-termo que deve ser compreendido à luz do que aponte: se o sionismo é uma máquina que articula não apenas Israel, mas também o imperialismo ocidental como tal, então o lobby se explica por essa máquina, assim como a existência de Israel como ponta de lança na Palestina. Assim, em contraste com essas duas teses, podemos oferecer uma explicação para o que frequentemente é confundido com uma explicação.

6. TODOS OS TERMOS SIONISTAS SÃO TERMOS SECULARES SACRALIZADOS

Se, em termos gerais, definirmos “gnosticismo” como baseado na ideia de dois princípios teológicos conflitantes, o bem e o mal, então o sionismo judaico – assim como o sionismo cristão em geral – se fundamenta na ideia do bem e do mal eternos. O bem é personificado pelo Estado de Israel como expressão da dispensação, e o mal pelo antissemitismo, que opera como uma dispensação invertida, ou seja, demoníaca. Por essa razão, assim como o protestantismo separa fé e obras, consciência e corpo, considerando a primeira como o *locus* do bem e o segundo como o limiar da natureza onde reside o mal (uma Natureza caída), o sionismo dele derivado transforma esses dois princípios na composição fundamental produzida pela máquina mitológica sionista. Daí surge a ideia, contestada na

externa dos EUA no Oriente Médio.

época por **Hannah Arendt**⁸, de “antisemitismo eterno” e, por sua vez, do povo judeu como vítimas “absolutas” ou “exemplares”, as vítimas de todas as vítimas na história da humanidade. Este ponto é importante porque a narrativa do judeu como vítima exemplar nada mais é do que outra versão do dispensacionalismo, uma forma “negativa” de restaurar a interpretação supremacista do “povo escolhido” em uma chave protestante, que oferece a missão histórica de lembrar e estabelecer o Holocausto como um pacto liberal-sionista. Nesse sentido, parafraseando a famosa fórmula de **Schmitt** em “Teologia Política”: todos os termos sionistas são termos seculares sacralizados.

7. O HOLOCAUSTO, O NOVO SUPREMACISMO

Para **Enzo Traverso**, o Holocausto tornou-se uma “religião civil”. Para **Norman Finkelstein**⁹, uma “indústria”. Na realidade, ambas as teses devem ser

8 Hannah Arendt (1906-1975): filósofa política alemã de origem judaica, uma das mais influentes do século XX. A privação de direitos e perseguição de pessoas de origem judaica ocorrida na Alemanha a partir de 1933, assim como o seu breve encarceramento nesse mesmo ano, forçaram Arendt a emigrar. O regime nazista retirou-lhe a nacionalidade em 1937, o que a tornou apátrida até conseguir a nacionalidade norte-americana em 1951. Trabalhou, entre outras atividades, como jornalista e professora universitária e publicou obras importantes sobre filosofia política. Contudo, recusava ser classificada como “filósofa” e também se distanciava do termo “filosofia política”; preferia que suas publicações fossem classificadas dentro da “teoria política”. Sobre essa pensadora, confira a Edição 206, de 27-11-2006 da **Revista IHU On-Line**, intitulada **O mundo moderno é o mundo sem política. Hannah Arendt 1906-1975**, disponível em <https://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/206>.

9 Norman Gary Finkelstein (1953): cientista político e ativista americano. Seus principais campos de pesquisa são a política do Holocausto e o conflito israelo - palestino. Finkelstein nasceu na cidade de Nova York, filho de pais judeus sobreviventes do Holocausto. Ele se formou na Universidade de Binghamton e recebeu seu doutorado em ciência política pela Universidade

consideradas simultaneamente. Como **Gilles Deleuze**¹⁰ bem observou, considerar o extermínio nazista sob o rótulo de “Holocausto” o transforma em uma questão religiosa e mística, em vez de histórica e política. O Holocausto deve ser compreendido como uma restauração da teologia dispensacionalista protestante, na qual o paradigma da “eleição” está em jogo. Nesses termos, o Holocausto é a religião civil do imperialismo ocidental após a Segunda Guerra Mundial; mais precisamente, desde 1967. Mas, como tal, deve ser compreendido como o pacto entre sionismo e liberalismo. Por quê? Porque, na medida em que restaura a teologia imperial dispensacionalista, o Holocausto, por meio do paradigma da “eleição”, vincula a supremacia judaica à supremacia europeia através da noção de “espírito”. Portanto, devemos distinguir entre duas questões: primeiro, como o Holocausto é compreendido como um evento singular, por um lado, e, por outro, como

de Princeton. Ganhou destaque em 2000 após a publicação de *A Indústria do Holocausto*, livro no qual escreve que a memória do Holocausto é explorada como uma arma ideológica para fornecer a Israel um certo grau de imunidade contra críticas. Ele é um crítico da política israelense e de sua classe dominante. O governo israelense o proibiu de entrar no país por dez anos em 2008. Finkelstein chamou Israel de “estado supremacista judeu” e o considera como autor do crime de apartheid contra o povo palestino. Por meio de relatos pessoais em um de seus livros, ele compara a situação dos palestinos que vivem sob a ocupação israelense com os horrores dos nazistas. O livro mais recente de Finkelstein sobre Palestina e Israel, publicado em 2018, é *Gaza: Uma Investigação sobre Seu Martírio*.

10 **Gilles Deleuze (1925-1995)**: filósofo francês, cuja obra é considerada uma das principais representantes da filosofia continental e do pós-estruturalismo, de modo que ocupa um lugar importante nos debates contemporâneos sobre sociedade, política e subjetividade, apesar de seu distanciamento das principais tendências filosóficas do século XX. De sua vasta produção intelectual, destacamos as obras escritas em parceria com Felix Guatarri: **L'anti-Édipe** (1972), **Kafka. Por uma literatura menor** (1975), **Mil Platôs** (1980) e **O que é a filosofia?** (1991).

indizível, como **Elie Wiesel**¹¹ formulou quando disse: “Não sei se uma tragédia como esta tem alguma resposta”. A incerteza sobre a existência de respostas revela a atitude da humanidade em relação à arbitrariedade divina, e não à racionalidade meticulosa do extermínio. Expressa, antes, não apenas preguiça intelectual, mas também a ativação de uma máquina mitológica na qual a soberania se manifesta, talvez, em sua forma mais excepcional e eficaz: sem rosto.

11 **Elie Wiesel** (1928-2016): escritor, professor, ativista político, laureado com o Prêmio Nobel e sobrevivente do Holocausto nascido na Romênia e naturalizado americano. Escreveu 57 livros, principalmente em francês e inglês, incluindo *Noite*, que é baseado em suas experiências como prisioneiro judeu em Auschwitz e Buchenwald durante o Holocausto. Como ativista político, Wiesel tornou-se um orador frequente sobre o Holocausto e permaneceu um forte defensor dos direitos humanos durante toda a sua vida. Também foi um defensor declarado de Israel e frequentemente se manifestou em apoio ao país durante as escaladas do conflito árabe-israelense e ao longo do conflito por procuração entre Irã e Israel. Apoiou publicamente Netanyahu, inclusive em seu controverso discurso no Congresso de 2015 sobre o Irã, e assinou anúncios elogiando os colonos que ocuparam casas palestinas em Silwan, Jerusalém Oriental – uma das atividades de assentamento mais provocativas.

O que é Império, no sentido de **Negri**¹² e **Hardt**¹³, senão essa forma rizomática e biopolítica que não pode ser identificada com uma pessoa, um rosto ou uma representação? De fato, a criação do Estado de Israel nasce com o Império, conferindo-lhe sua “mística” hegemônica pela ordem euro-atlântica. É aqui, diante da proliferação de imagens e mercadorias – de imagens como mercadorias –, que o pacto liberal-sionista se baseia em um duplo padrão: singular e indizível, único e irrepresentável. Duas maneiras de garantir o

12 Antonio Negri (1933-2023): filósofo político marxista, acadêmico e militante político italiano, um dos expoentes do marxismo operaísta, entre os anos 1960 e 1970. A partir dos anos 1980, dedicou-se ao estudo do pensamento político de Baruch Spinoza, contribuindo, juntamente com Louis Althusser e Gilles Deleuze, para a redescoberta teórica do filósofo neerlandês. Em colaboração com Michael Hardt, escreveu algumas obras muito influentes na teoria política contemporânea. Ganhou notoriedade internacional nos primeiros anos do século XXI, após o lançamento do livro *Império* – que se tornou um manifesto do movimento anti-globalização – e de sua sequência, *Multidão*, ambos escritos em co-autoria com seu ex-aluno Michael Hardt. Paralelamente ao seu trabalho teórico, desenvolveu intensa atividade de militância política, tendo sido um dos fundadores das organizações da esquerda extraparlamentar *Potere Operaio* e *Autonomia Operaia*. Em 1979, já professor universitário de filosofia, Toni Negri foi investigado, preso e julgado por “cumplicidade política e moral” com o grupo terrorista Brigadas Vermelhas, em um polêmico e controverso inquérito judicial chamado pela imprensa de “julgamento de 7 de abril”, condenado a 12 anos de prisão, aos quais foram acrescentados outros tantos, nos anos 1990, pelos crimes de “associação subversiva” e “cumplicidade moral em roubo”. Cumpriu um total de dez anos, os últimos dos quais em regime de semiliberdade.

13 Michael Hardt (1960): teórico literário e filósofo político estadunidense que leciona na Duke University. Sua obra mais conhecida é *Império*, escrita com Antonio Negri. A continuação é denominada *Multidão*, lançada em agosto de 2004. Por vezes citado como o “Manifesto Comunista do Século 21”, *Império* propõe que as forças da atual opressão de classe, ou seja, a globalização corporativa e a “comoditização” dos serviços (ou “produção de afetos”) têm o potencial para alimentar mudanças sociais de dimensões nunca vistas.

excepcionalismo e o supremacismo na nova arena da democracia liberal ou, se preferir, na nova articulação do Império.

8. STAR WARS: A SEGUNDA VINDA DA FORÇA

Se a grande saga de Hollywood se tece a partir da luta gnóstica e espiritual da Força, é precisamente porque alegoriza o que acontece em nossa época: o fascismo de nossa era é o sionismo, que se sustenta na ideia de uma força espiritualizada. O que poderia ser essa força senão a escatologia que investe capital imobiliário? O lado sombrio? De modo algum. São os Jedi: lembremos a cena final de “O Retorno de Jedi”. O próprio título oferece uma caricatura da questão da **Segunda Vinda**, que é o tema decisivo na trama do sionismo cristão. Lembremos: Vader, derrotado por Luke em seu duelo de sabres de luz, pede ao filho que tire a máscara. Luke o lembra de que isso matará Vader. Mas Anakin – isto é, o “verdadeiro homem” que sempre esteve por trás daquela máscara – aceita e diz: “Deixe-me ver você com meus próprios olhos, pelo menos uma vez”. Mais importante: Luke fica arrasado por sua incapacidade de salvar o pai. Mas o Anakin mais velho lhe diz: “Você já me salvou. Você estava certo – diga à sua irmã que você estava certo”.

9. A FILOSOFIA NÃO QUER SABER SOBRE GAZA

Durante os últimos dois anos de genocídio na Palestina, a filosofia contemporânea tentou intervir. Contudo, ao fazê-lo, mesmo com as melhores intenções críticas e radicais, acabou resistindo a ir além daquilo que essa mesma filosofia ajudou a forjar: o pacto liberal-sionista do pós-Segunda Guerra Mundial. A

cena crucial talvez seja o convite de **Jean-Paul Sartre**¹⁴ a **Edward Said**¹⁵, em que **Said** acaba sendo marginalizado do cenário filosófico, um **Sartre** envelhecido e mudo que já nem sequer emula aquele que se opôs à Argélia. O cenário atual poderia ser descrito da seguinte forma: cada vez que a filosofia entra em Gaza, é Gaza que pensa sobre filosofia, e não a filosofia que pensa sobre Gaza. Isso significa que, quando a filosofia pensa sobre Gaza, não pode deixar de lado o vocabulário, a estrutura ou o léxico sionista. E pensar significa desestabilizar. Isso se manifesta na impossibilidade de compreender a resistência palestina na medida em que se estabelece imediatamente uma espécie de equivalência – que, como todas as equivalências, é abstrata – entre **Netanyahu** e o **Hamas**. Isso a afasta do compromisso de questionar o Estado de Israel como tal e de repensar a resistência palestina para além do **Hamas**. Em outras palavras, impede que ela vá além da guerra contra o terror. Postular, desde o início, que o ataque do **Hamas** é um “pogrom” (**Franco Berardi**¹⁶), sustentar que existe

14 **Jean-Paul Sartre** (1905-1980): filósofo, dramaturgo, romancista, roteirista, ativista político, biógrafo e crítico literário francês, considerado uma figura de destaque na filosofia francesa do século XX e no marxismo. Sartre foi uma das figuras-chave na filosofia do existencialismo (e da fenomenologia). Sua obra influenciou a sociologia, a teoria crítica, a teoria pós-colonial e os estudos literários. Ele recebeu o Prêmio Nobel de Literatura de 1964, apesar de ter tentado recusá-lo, dizendo que sempre recusava honrarias oficiais e que “um escritor não deve se deixar transformar em uma instituição”.

15 **Edward Wadie Said** (1935-2003): acadêmico, crítico literário e ativista político palestino-americano. Como professor de literatura na Universidade Columbia, esteve entre os fundadores dos estudos pós-coloniais. Como crítico cultural é mais conhecido por seu livro *Orientalismo* (1978), um texto fundamental que critica as representações culturais que são a base do Orientalismo – como o mundo ocidental percebe o Oriente. Seu modelo de análise textual transformou o discurso acadêmico de pesquisadores em teoria literária, crítica literária e estudos do Oriente Médio.

16 **Franco Berardi** (1949): filósofo, teórico e ativista marxista italiano

uma espécie de antissemitismo árabe (**Žižek**¹⁷) ou fetichizar o dia 8 de outubro de 2023 como um momento de criação *ex nihilo* para qualquer análise da situação (**Illouz**) faz parte dessa trama que opera sob o vocabulário do sionismo liberal.

É desnecessário mencionar a declaração de **Habermas** de que Israel não estava cometendo genocídio em Gaza. Como poderia cometer tal transgressão se, como o próprio filósofo afirma, o “discurso filosófico da modernidade”, após **Auschwitz**, fundamenta sua lealdade precisamente na existência do Estado sionista? Todos os discursos, sejam radicais ou menos radicais, experimentam uma equivalência singular; sejam eles altamente pessimistas (**Franco Berardi**), normativos para uma certa esquerda (**Žižek**) ou liberais (**Habermas**), todos defendem o pacto liberal-sionista cristalizado na forma do “Holocausto” como uma religião civil.

A filosofia entra em Gaza e se arruína porque a questão palestina, na medida em que constitui a própria catástrofe sobre a qual esse pacto se funda, a ruptura que se opõe à nova Europa liberal, a violência máxima que sustenta o novo supremacismo democrático, a Palestina é a irrupção do pensamento contra a filosofia, a transgressão dos limites do pacto liberal-sionista e, portanto, a única força capaz de compreender a

da tradição autonomista, cujo trabalho se concentra principalmente no papel da mídia e da tecnologia da informação no capitalismo pós-industrial. Berardi escreveu mais de duas dezenas de livros publicados, além de diversos ensaios e discursos.

17 **Slavoj Žižek** (1949): filósofo neomarxista teórico cultural e intelectual público, diretor internacional do Instituto Birkbeck de Humanidades da Universidade de Londres, trabalha principalmente com filosofia continental (particularmente hegelianismo, psicanálise e marxismo) e teoria política, bem como crítica de cinema e teologia.

situação em que nos encontramos. Tudo isso pode ser resumido da seguinte forma: a filosofia não pode conhecer Gaza porque esta funcionou como a “memória de encobrimento” (**Freud**) ou um “*katechon*” (**Schmitt**) da nova máquina supremacista. Quer ela saiba disso ou não, quer queira ou não.

10. O SIONISMO É O NOVO FASCISMO

Os novos projetos de direita alegam não ser fascistas, mas alegam ser sionistas. A operação é estratégica: dado que o Holocausto é hoje o instrumento do novo supremacismo, os novos fascismos abraçam Israel para evitar se identificarem tanto com o nazismo histórico, quanto com o fascismo. Israel funciona, dessa forma, como um mecanismo higiênico da cultura de direita atual, já que permite que ela se apresente como pró-judaica e na vanguarda da defesa irrestrita do já mencionado pacto liberal-sionista. Esse pacto, já neoliberalizado e em estado de estagnação mitológica, só pode assumir a forma intensa de uma máquina de extermínio onde o sionismo irrompe como sua força motriz e paradigma. Portanto, parafraseando **Max Horkheimer**¹⁸ quando disse que “quem fala de fascismo deve falar de capitalismo”, a premissa fundamental de nosso tempo é: “quem fala de fascismo hoje deve falar de sionismo”. Essa tem sido precisamente a

18 Max Horkheimer (1895-1973): filósofo e sociólogo alemão, famoso por seu trabalho em teoria crítica como membro da “Escola de Frankfurt” de pesquisa social. Em suas obras, Horkheimer abordou o autoritarismo, o militarismo, a ruptura econômica, a crise ambiental e a pobreza da cultura de massa, usando a filosofia da história como estrutura. Isso se tornou o fundamento da teoria crítica. Seus trabalhos mais importantes incluem *Eclipse da razão* (1947), *Entre filosofia e ciências sociais* (1930-1938) e, em colaboração com Theodor Adorno, **Dialética do Esclarecimento** (1947). Por meio da Escola de Frankfurt, Horkheimer planejou, apoiou e possibilitou outros trabalhos significativos.



limitação de certas ciências políticas e filosofias atuais que se esforçam para compreender a cultura de direita predominante, mas sem analisar seu componente fundamental.

México, 2025.

Rodrigo Karmy Bolton



Rodrigo Karmy Bolton. Doutor em Filosofia pela Universidade do Chile, onde leciona e é pesquisador do Centro de Estudos Árabes da Faculdade de Filosofia e Humanidades. Escreveu, entre outros livros, *Averroes intempestivo* (org.) (Doble a, 2022), *Intifada: una topología de la imaginación popular* (Metales Pesados, 2020), *El porvenir se hereda: fragmentos de un Chile sublevado* (Sangría, 2019) e *Escritos bárbaros: ensayos sobre razón imperial y mundo árabe contemporáneo* (LOM Ediciones, 2016). Recentemente, publicou *El fantasma portaliano: arte de gobierno y república de los cuerpos* (UFRO, 2022) e *Palestina sitiada. Ensayos sobre el devenir nakba del mundo* (LOM Ediciones, 2024). Em 12-05-2025, concedeu a entrevista *A democracia liberal como condição de surgimento do fascismo* para as **Notícias do Dia**, do IHU, também publicada na Edição 554 da **Revista IHU On-Line**.

ENTREVISTAS DO IHU COM RODRIGO KARMY BOLTON

- [A democracia liberal como condição de surgimento do fascismo. Entrevista especial com Rodrigo Karmy Bolton](#)
- [Revoltas: a reivindicação dos povos para poder voltar a habitar o mundo. Entrevista especial com Rodrigo Karmy Bolton](#)

- [Eleições chilenas: a herança de Allende e a possibilidade de mudanças profundas. Entrevista especial com Rodrigo Karmy Bolton](#)
- [Chile. A insurreição popular vem do subterrâneo e perfura a máquina violenta e neoliberal. Entrevista especial com Rodrigo Karmy Bolton](#)
- [Eleições chilenas. O que virá depois da política de transição? Entrevista especial com Rodrigo Karmy](#)
- [A guerra civil global na Síria e a luta pela apropriação dos fluxos de capital. Entrevista especial com Rodrigo Karmy](#)
- [O fascismo vive em nós através do dispositivo do neoliberalismo. Entrevista especial com Rodrigo Karmy Bolton](#)
- [A democracia gerencial em crise e a potência anárquica do poder destituente. Entrevista especial com Rodrigo Karmy](#)

ARTIGOS DE RODRIGO KARMY BOLTON REPRODUZIDOS PELO IHU

- [A Palestina é o cadinho para entender o futuro do imperialismo contemporâneo. Artigo de Rodrigo Karmy](#)



CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
- N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montañó
- N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
- N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 Mundos televisivos e sentidos identitários na TV – Suzana Kilpp
- N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
- N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
- N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
- N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
- N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
- N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
- N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
- N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
- N. 18 Um itinerário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
- N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
- N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
- N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra Bavarese
- N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
- N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
- N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Muskopf
- N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
- N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos

- N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Ailton Luiz Jungblut
- N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
- N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
- N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
- N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
- N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa” – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistemática de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadieu
- N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
- N. 46 “Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
- N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadieu
- N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
- N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Élica Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring
- N. 53 Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 53 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
- N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
- N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
- N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
- N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
- N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
- N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
- N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
- N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
- N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
- N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
- N. 66 Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
- N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas



- N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke
N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas
N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez
N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho
N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri
N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki
N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios
N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas
N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição
N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores
N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Amo Alvarez Kern
N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza
N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão – Marco Aurélio Santana
N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot
N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley
N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig
N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel
N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine
N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann
N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins
N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva
N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta
N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil
N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson
N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz
N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho
N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz
N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana Maria Rocca Larrosa
N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira
N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden
N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes
N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida
N. 103 ECODE – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer

- N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
- N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
- N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
- N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Simões
- N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhési
- N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montão
- N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
- N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
- N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
- N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelmänn
- N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
- N. 126 Câmara Casculo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
- N. 131 A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Niklas Luhmann – Leonardo Grison
- N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstróem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins

- N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
- N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airoso da Motta
- N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
- N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
- N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
- N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
- N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
- N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
- N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
- N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois” – Claudia Wasserman
- N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
- N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'ýikue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
- N. 156 Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
- N. 158 “Passemos para a outra margem”: da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perroux Fortes de Sales
- N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
- N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
- N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
- N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
- N. 165 Agostos! A “Crise da Legalidade”: vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
- N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
- N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
- N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini

- N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
- N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
- N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
- N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
- N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzados – Lenio Luiz Streck
- N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
- N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
- N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como “discurso-limite”) – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
- N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
- N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
- N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
- N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
- N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
- N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
- N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari



- N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
- N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
- N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
- N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
- N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
- N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
- N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
- N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
- N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D'Assunção Barros
- N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odelso Schneider
- N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
- N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
- N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
- N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
- N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
- N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
- N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
- N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
- N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
- N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
- N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
- N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
- N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
- N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevan
- N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters

- N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
- N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
- N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
- N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
- N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
- N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirce Koga
- N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
- N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleracionismo como terceiro espírito do capitalismo – Moysés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
- N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo – Dora Lilia Marín-Díaz
- N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
- N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
- N. 250 A Liberdade Viglada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
- N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinicius Nicastro Honesko
- N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
- N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
- N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
- N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moysés Pinto Neto
- N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
- N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
- N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
- N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
- N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
- N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza

- N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
- N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
- N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
- N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
- N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
- N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atilio Machado Peppe
- N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
- N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Murly Scalco
- N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
- N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
- N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
- N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
- N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
- N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
- N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
- N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
- N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
- N. 293 Mudança de paradigma pós-crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
- N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
- N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
- N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa



- N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular– Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
- N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
- N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
- N. 307 História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
- N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
- N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
- N. 314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
- N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
- N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
- N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
- N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschiatti
- N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
- N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
- N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da humanização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
- N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
- N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
- N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Francisco - André Langer
- N. 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
- N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswaldo Giacoia Junior
- N. 327 O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil - Ana Lúcia Guterres Dias
- N. 328 Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi - Fernando Wirtz
- N. 329 Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas - Rodrigo Petronio
- N. 330 O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê - José Angel Quintero Weir
- N. 331 A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector - João Melo e Silva Junior
- N. 332 Juventudes e as "novas" expressões da participação política - Flávio Munhoz Sofiati

- N. 333 A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido - Eben Kirksey
- N. 334 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume I - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 335 O Antropoceno e as ruínas da democracia: a condição humana como monstrosidade - Adriano Messias
- N. 336 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume II - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 337 O Direito e o Averso - Fábio Konder Comparato
- N. 338 Sobre o mecanismo do terrorismo político-fascista: a violência estocástica da serpente do fascismo - Rudá Ricci e Luís Carlos Petry
- N. 339 MESOCENO. A Era dos Meios e o Antropoceno - Rodrigo Petronio
- N. 340 Religião, Direito e o Redobramento de Ideias - Colby Dickinson
- N. 341 Usos do território e as cidades em transformação. Um olhar a partir da Geografia de Milton Santos - Marina Regitz Montenegro
- N. 342 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume III - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 343 Raça, etnia, negro, preto ou gênero humano? Conceitos, leitura de mundo e reflexo nas formas de pensar, ser e interagir - Iael de Souza
- N. 344 Daqui deste planeta: (t/T)erra deíctica e sazonalidade cosmopolítica - Hilan Bensusan
- N. 345 Mundo Invisível: a teia vital sob os nossos pés - Faustino Teixeira (org.)
- N. 346 O controle do lazer na sociedade de consumo: reflexões à luz da teoria crítica - Valquíria Padilha e Jean Henrique Costa
- N. 347 João Saldanha: um comunista na seleção brasileira de futebol durante o governo militar. Da ditadura à redemocratização. Futebol na sociedade como fator democrático (1966-1990) - Marcelo de Azevedo Zanotti
- N. 348 Depois da Inteligência Artificial - Cosimo Accoto, Massimo Di Felice e Eliane Schlemmer
- N. 349 Basta de fósseis - Dominic Boyer
- N. 350 Capitalismo e saúde mental: causa social, sofrimento privatizado - Iael de Souza, Evaldo Piolli e José Roberto Montes Heloani
- N. 351 A transição dos combustíveis fósseis, a crise energética na Europa e a guerra na Ucrânia - Simon Pirani
- N. 352 Guerra russa na Ucrânia. Terrorismo energético, ciberguerra e atmoterrorismo - Svitlana Matviyenko
- N. 353 Pequena história futura das enchentes do rio Cai - Caio F. Flores-Coelho
- N. 354 Por uma agricultura sustentável no Brasil - M. Madeleine Hutrya de Paula Lima
- N. 355 A máquina com um rosto humano: da inteligência artificial à sciência artificial - Sylvain Lavelle
- N. 356 Filmes em Perspectiva - Faustino Teixeira
- N. 357 Varsóvia e Gaza: dois guetos e o mesmo nazismo - Luiz Cláudio Cunha
- N. 358 Tecnofisiologia e ontologia híbrida: novas interações entre máquinas e corpo humano - Roberto Marchesini
- N. 359 Teoria dos Quatro Cosmogramas - Moysés Pinto Neto
- N. 360 Capitalismo e cismogênese - Sven Lütticken
- N. 361 Revolução informacional e a nova classe trabalhadora - Marcio Pochmann
- N. 362 O ancião missionário e os anciãos Bóe-Bororo: autobiografia indígena, identidade narrativa e apropriação religiosa recíproca - Elair Inácio de Oliveira e Aloir Pacini
- N. 363 A construção política da Economia de Francisco e Clara no Brasil - Eduardo Brasileiro
- N. 364 Um olhar retrospectivo - Hans Jonas
- N. 365 Constitucionalismo Intersistêmico e o Direito das Minorias: a proteção dos povos indígenas na sociedade global - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 366 Novos dilemas da IA: a inteligência quer se expandir e o organismo quer perdurar. Por que e como a IA generativa pensa e raciocina - Lucia Santaella



- N. 367 Paul Ricoeur e a historiografia: primeiros diálogos em *História e Verdade* (1955) - Bruno dos Santos Nascimento
- N. 368 Tutela climática dos povos indígenas no Rio Grande do Sul e a proteção dos territórios ancestrais: direito ao futuro e à dimensão ecológica da dignidade humana - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 369 Autonomia: os povos estão transitando por um novo caminho emancipatório - Raúl Zibechi
- N. 370 IA e a experiência da pobreza - Levi Checketts
- N. 371 O pluralismo jurídico e os sistemas jurídicos indígenas - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 372 Proposta de definição das juventudes: diversidades e protagonismos políticos - Olívia Cristina Perez
- N. 373 Neomercantilismo de crise e as guerras de desordenamento global - Daniel Feldmann
- N. 374 Putin, Trump, Netanyahu: o mundo à beira de uma guerra total? - Silvia Ferabolli
- N. 375 Peter Singer e os 50 anos do livro *Libertação Animal* - Daan Stoop
- N. 376 Uma reflexão ético-político-filosófica da alteridade negada no cárcere - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 377 Juventudes e experiências religiosas - Claudio de Oliveira Ribeiro e Rosemary Fernandes
- N. 378 Vida nos trilhos: corpos sobreviventes e a resistência que brota da periferia brasileira - Paulo Ricardo Barbosa de Lima
- N. 379 Os Estados Unidos de Trump, modelo da distopia contemporânea - Luiz Marques
- N. 380 Dinamismo, mobilidade e juventudes - Rosemary Fernandes da Costa
- N. 381 Realidades virtuais, danos aumentados, impactos reais - Elisa García Mingo e Jacinto G. Lorca
- N. 382 Povos indígenas e emergência climática: visibilidade, participação e reivindicações nas conferências climáticas da ONU - Carlos Machado de Freitas, Kleber Henrique da Silva Xucuru, Luiz Felipe Barboza Lacerda, Sineia Bezerra do Vale e Suliete Gervásio Monteiro Baré

 UNISINOS